



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

?La resistência palestina es mujer y esta furiosa?

Autoria: Barbara Caramuru Teles (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Este work faz parte do projeto de tese, em andamento, que tem como tema as formas de palestidades apresentadas América Latina, mais especificamente das cidades de Santiago, no Chile, e de Florianópolis, Brasil, que se revelam através de noções de pertencimento identitário, das organizações sociais e políticas locais e nas relações entre as sociedades de acolhida e os palestinos. Nesse sentido, proponho analisar dimensões desse ?encontro? (Schicchet, 2017) e suas implicações nos processos de reconhecimento identitário palestino. Especificamente nesse artigo trabalharei com uma situação etnografia de Manifestações locais e das mulheres palestinas. ?Israel es un macho violador? ?La resistencia palestina es mujer y esta furiosa?, ?La lucha contra el sionismo es feminista?, ?Contra la apropiación y colonización de los cuerpos y la tierra?, frases como estas estavam presentes nos protestos que aconteceram em Santiago, em 8 março de 2019. Novamente, as bandeiras feministas foram levantadas no dia 06 de dezembro de 2019, quando um grupo de feministas palestinas realizou um protesto em frente à embaixada de Israel na cidade de Santiago, entoando o ?hino feminista? sobre o grito de ordem ?Israel es un macho violador?. A performance feminista ficou conhecida nas manifestações por direitos sociais e mudanças governamentais no Chile, no mesmo ano. A letra do hino conhecido popularmente como ?El violador eres tu? é uma crítica ao patriarcado, violência contra a mulher, feminicídio, a repressão e violência de gênero do Estado, da polícia (pacos e carabineros), juízes e inclusive do presidente (Piñera). Vestidas de preto, usando um kuffiyeh preto e branco amarrado na cabeça, um grupo de mulheres, de maioria palestina, mas também chilenas adeptas da causa palestina, membras da organização política intitulada Union General de Estudiantes Palestinos, UGEP, realizaram a performance do hino cantado em árabe. Focando na construção da identidade pela alteridade, neste work problematizarei algumas formas como a palestidade se apresenta em diferentes localidades, tomando como ponto de partida as trajetórias dos sujeitos para compreender a produção e operacionalidade dos gradientes de identidades e alteridades que revelam tais categorias.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: